

## 4. MESA 2. RESTRIÇÕES EXTERNAS E O FINANCIAMENTO DO DESENVOLVIMENTO

**DEMIAN FIOCA**, coordenador – Com a palavra, o professor Bresser-Pereira.

**LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA** – Celso Furtado foi o maior dos economistas brasileiros, e o mais reconhecido internacionalmente. Escreveu obras fundamentais, como *Formação econômica do Brasil* (1959a) e *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* (1961), que o inscreveram entre os grandes economistas mundiais que nos anos 40 e 50 criaram a nova teoria do desenvolvimento. Teve participação decisiva, juntamente com Raúl Prebisch, na CEPAL, na formulação da teoria econômica estruturalista latino-americana, e colaborou com o grupo de intelectuais do ISEB no estabelecimento das bases teóricas de uma política nacional-desenvolvimentista que está atrás do grande desenvolvimento do Brasil e da América Latina entre 1930 e 1980.<sup>1</sup> Elaborou uma teoria original do subdesenvolvimento, distinguindo-o do mero atraso. Fundou a Sudene, elaborando então um plano inovador para corrigir as diferenças regionais no Brasil. Ministro do Planejamento em um momento de absoluta crise política, em 1963, produziu um plano austero de estabilização, o *Plano Trienal*, que não foi implementado. Exilado, continuou no exterior seu trabalho teórico e sua análise crítica da economia brasileira – o que não o impediu de também apresentar, em 1968, na Câmara dos Deputados, às vésperas do Ato nº 5, um projeto de retomada do de-

<sup>1</sup> Bresser-Pereira (2004). “O Conceito de Desenvolvimento do ISEB Rediscutido”. Celso Furtado não pertenceu ao grupo do ISEB, mas esteve muito próximo dele, tendo feito duas conferências nessa instituição, publicadas pelo ISEB como pequenos livros: *Celso Furtado* (1958, 1959b).

envolvimento com distribuição de renda que, em seguida, constitui *Um projeto para o Brasil* (1968). De volta ao Brasil, depois de uma passagem pelo governo Sarney, em que já não lhe atribuíram funções na área econômica, foi aos poucos se transformando na consciência crítica das novas administrações econômicas que, a partir de 1990, impuseram ao Brasil o credo neoliberal. Foi um período em que Furtado foi quase esquecido. Para muitos era um economista do passado, um nacionalista no tempo da globalização e do globalismo, um desenvolvimentista nos tempos dos mercados livres e da ortodoxia convencional... Entretanto, mais recentemente, diante do fracasso da ideologia neoliberal e globalista em restabelecer o equilíbrio macroeconômico no país e retomar o desenvolvimento, os brasileiros voltaram a lembrar de Furtado, e começaram as homenagens e o reconhecimento. Eu próprio organizei, com José Márcio Rego, um livro em sua homenagem, que várias vezes ele me disse ter sido a melhor homenagem que recebeu.<sup>2</sup>

No entanto, Celso Furtado morreu frustrado. Sua grande paixão foi sempre o Brasil, e por isso mesmo a decepção foi grande. Um homem que pôs todas as suas esperanças na sua terra viu, aos poucos, elas serem desfeitas, primeiro com o regime militar de 1964, depois, em 1985-86, com o colapso do pacto democrático-popular das Diretas Já em estabilizar a economia e retomar o desenvolvimento, e, finalmente, nestes últimos dois anos, ao verificar que o governo que apoiara com entusiasmo traía suas promessas de campanha. Mas morreu lutando. O nível da taxa de juros, em particular, o deixava indignado. Uma taxa que é a contrapartida da taxa de câmbio baixa, valorizada, e uma forma de assegurar o subsídio pelo Estado das elites rentistas. Mas não seriam todas essas críticas simples manifestações de “populismo”, como sugerem os defensores da ortodoxia convencional dominante? Embora criticando a ortodoxia convencional com vigor, porque via nela interesses contrários aos do país, Celso Furtado jamais aceitou a solução falsamente keynesiana de incorrer em déficit público para promover o crescimento. Sua luta, no Brasil, contra as taxas de juros decididas pelo Banco Central visavam precisamente proteger o Tesouro Nacional, e

<sup>2</sup> BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos e REGO, José Márcio (orgs.) (2001) *A grande esperança em Celso Furtado*. Este trabalho baseia-se, em parte, no *paper* que escrevi para esse livro: “Método e Paixão em Celso Furtado” (Bresser-Pereira, 2001).

viabilizar a recuperação da poupança pública e dos investimentos na infraestrutura. Por isso, inclusive, opunha-se ao conceito de superávit primário, que esconde o efeito dos juros sobre o déficit público. Como resultado de sua análise, Celso Furtado estava convencido que as classes beneficiadas pela concentração de renda não se revelam à altura de seu papel de elites. Ao copiarem os padrões de consumo norte-americanos, não poupam para investir, e endividam o país no exterior. Ao defenderem a política monetária, aumentam sua renda financeira às custas do Tesouro Nacional. Celso, entretanto, não se desesperava jamais. Ele sabia que para construir uma nação não bastam trabalhadores e técnicos de classe média, é preciso, também, empresários.

## Em busca de novo modelo

Em seu último livro, *Em busca de novo modelo* (2002), ele novamente nos obrigou a refletir de forma crítica sobre os problemas do Brasil.<sup>3</sup> Ele volta às raízes do desenvolvimento econômico: a revolução capitalista e a revolução científica.

A interação entre esses dois processos deve ser buscada, de um lado, na intuição de Galileu de que a natureza seria racional e poderia ser reduzida a esquemas geometrizáveis; de outro, ao processo de acumulação capitalista que torna a racionalidade instrumental dominante. Neste processo, porém, a industrialização tardia de países como o Brasil é muito diferente da que ocorreu nos países hoje desenvolvidos, porque enquanto nestes a inovação e a difusão combinam-se para responder às próprias necessidades das sociedades, naqueles a difusão é marcada pela tentativa de imitação por parte das elites – as classes altas e as médias – dos padrões de consumo do centro. Esta reprodução dos padrões de consumo vai continuar a determinar hoje as duas tendências centrais das economias periféricas, que estão presentes em sua análise desde os anos 50: (1) a propensão ao endividamento externo, e (2) a propensão à concentração social da renda. Ambos os processos têm como matriz a alta propensão a consumir das elites brasileiras em sua ansiedade em reproduzir o consumo central.

<sup>3</sup> Furtado, Celso (2002). *Em busca de novo modelo*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Comparando o Brasil com a Índia, em um momento em que a Índia não se tornara um centro de atenções em todo mundo pelo seu êxito econômico, ele nos apresenta dados poderosos em favor do seu argumento. Embora a Índia tenha uma renda por habitante que é um quinto da brasileira, sua taxa de poupança é consideravelmente maior do que a do Brasil. Como se explica isto? Porque no Brasil a renda é muito mais concentrada nas classes altas e médias do que na Índia. Neste país os 20% mais ricos controlam uma renda quatro vezes maior do que os 20% mais pobres, enquanto que no Brasil essa relação é 32 vezes maior! A busca da reprodução dos padrões norte-americanos de consumo está na raiz seja da concentração de renda, seja da baixa taxa de poupança: desta, dada a própria natureza da tentativa; daquela, na medida em que a demanda para os bens de consumo de luxo produzidos depende dessa concentração. Na desigualdade que caracteriza a economia brasileira não existe, porém, apenas um problema de injustiça; há também uma questão de desenvolvimento. As classes beneficiadas pela concentração de renda não se revelam à altura de seu papel de elites. Ao copiarem os padrões norte-americanos de consumo, não poupam para investir, e endividam o país no exterior. A acusação de prática do populismo econômico, que essas classes usam para atacar os políticos populares, é indevida porque é o consumo delas e não o dos pobres que leva ao déficit público e, principalmente, ao 'populismo cambial': a valorização artificial do câmbio, em nome do combate da inflação, para facilitar o consumo de bens e serviços com considerável componente importado. Não são os pobres que adquirem bens importados, nem que viajam para o exterior. Celso Furtado concentra assim sua análise no consumo das elites. Enquanto as elites cafeeiras do Oeste paulista e, mais tarde, as elites industriais e tecnocráticas, que surgiram entre os anos 30 e os anos 50, foram notáveis em promover o desenvolvimento nacional, as elites de hoje, alienadas, não têm projeto de nação. Diante desse fato, ao mesmo tempo que Furtado salienta o papel dos intelectuais em darem racionalidade à estratégia e à política econômica, afirma que "o ponto de partida do processo de reconstrução que temos de enfrentar deverá ser uma participação maior do povo no processo de decisão".<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Idem, p. 36.

A questão central é saber se temos ou não possibilidade de preservar nossa identidade cultural e nacional. O que os governos dos países ricos fazem é defender o capital e o trabalho nacionais – ou seja, suas empresas nacionais. O Brasil não tem outra alternativa senão fazer o mesmo.

## MÉTODO

Celso Furtado via no desenvolvimento econômico do Brasil uma missão, um projeto de vida. Para realizar essa tarefa tão ambiciosa quanto frustrante – porque, afinal, o Brasil ficou aquém de suas grandes esperanças – Celso usou do método e da paixão. No método ele foi rigoroso, mas isto não o impediu de encarar com paixão seu objeto de estudo, que foi sempre também um projeto republicano de vida: o desenvolvimento do Brasil. Um dos livros de Carlos Drummond de Andrade chama-se *A paixão medida*. Este oxímoro, que o grande poeta usou com tanta propriedade, é útil para entendermos Celso Furtado. A paixão é forte, tornando sua obra e sua vida preche de energia e de vontade de transformação econômica e política, mas é uma paixão medida, que pesa custos e *trade-offs* – como é próprio dos bons economistas –, e não esquece as restrições políticas.

Celso Furtado é um economista da teoria do desenvolvimento e da análise da economia brasileira. Nestas duas especialidades ele pensou sempre de forma independente, e usou principalmente o método histórico ao invés do lógico-dedutivo. Sua capacidade de inferência e de dedução é poderosa, mas ele parte sempre da observação da realidade, evita partir de pressupostos gerais sobre o comportamento humano – e procura, a partir dessa realidade e do seu movimento histórico, inferir a teoria.

Celso Furtado é um economista do desenvolvimento. Fez parte do grupo dos “pioneiros” da teoria moderna do desenvolvimento, ao lado de Rosenstein-Rondan, Prebisch, Singer, Lewis, Nurkse, Myrdall, e Hirschman.<sup>5</sup> Suas contribuições teóricas concentraram-se no entendimento do processo de desenvolvimento e de subdesenvolvimento econômico. E, para isto, veremos que usou, antes de mais nada, o método que é mais adequado ao estudo do desenvolvimento: o histórico-dedutivo, ou seja, o método que

<sup>5</sup> A identificação dos ‘pioneiros do desenvolvimento’ foi feita por Gerald Meyer e Dudley Sears em dois livros (1984, 1987).

parte da observação da realidade econômica, social e política, que é uma realidade histórica, para, em seguida, generalizar.

Em sua trajetória intelectual a marca principal é a da independência teórica. A teoria econômica que utiliza ele a aprendeu com os clássicos, entre os quais Ricardo e Marx têm papel de destaque, juntamente com Keynes. Pouco deve aos neoclássicos. Não se entenda, entretanto, que Furtado seja um marxista, ou um keynesiano. Ele aprendeu com os clássicos e com Keynes, mas seu pensamento é independente, e ele sempre fez questão absoluta dessa independência. Está identificado com o estruturalismo e com o nacional-desenvolvimentismo latino-americano, na medida em que ele foi um dos seus fundadores.<sup>6</sup> O estruturalismo foi uma doutrina econômica influente na América Latina nos anos 50 e 60 porque oferecia uma interpretação para o subdesenvolvimento dos países que, em meados do século XX, faziam a transição de formas pré-capitalistas ou mercantis para o capitalismo industrial; o nacional-desenvolvimentismo apresentava a seus dirigentes uma estratégia coerente de desenvolvimento com base em um acordo nacional.

A independência teórica do pensamento de Furtado permite que ele use as teorias que julgar relevantes para resolver os problemas de interpretação dos fatos econômicos que tenha pela frente. O marxismo é para ele importante na medida em que oferece uma visão poderosa da história e do capitalismo, mas a contribuição de Marx à teoria econômica é menor. Ao descrever seu aprendizado do marxismo, na França, no final dos anos 40, ele nos diz:

A formidável vista que descortina Marx sobre a gênese da história moderna não deixa indiferente nenhuma mente curiosa. Já a contribuição no campo da economia parecia de menos peso, para quem estava familiarizado com o pensamento de Ricardo e conhecia a economia moderna.<sup>7</sup>

Sua preocupação com a independência do seu pensamento apareceu com clareza quando decidiu deixar o Rio de Janeiro e ir trabalhar em Santiago, na CEPAL, que acabara de ser criada. A CEPAL, naquele momento,

<sup>6</sup> O trabalho de Joseph Love, incluído neste livro, argumenta de forma incisiva sobre o papel de co-fundador do estruturalismo latino-americano desempenhado por Celso Furtado, embora este não deixe nunca de prestar suas homenagens a Raúl Prebisch.

<sup>7</sup> Furtado (1985: 31).

era ainda um projeto vazio. Furtado não conhecia Prebisch, que ainda não formulara sua visão do desenvolvimento da América Latina. Não obstante ele decide partir, para “escapar ao cerco, ganhar um horizonte aberto, ainda que para vagar em busca de uma Atlântida perdida”.<sup>8</sup> Faz essa afirmação em *A fantasia organizada* (1985), e em seguida manifesta seu acordo com Sartre e sua filosofia da responsabilidade, segundo a qual se fundássemos nossas verdadeiras escolhas apenas na razão, não haveria escolhas, tudo estaria predeterminado.

A criatividade é uma das bases da sua independência intelectual em relação às ortodoxias. Gérard Lebrun, escrevendo sobre *A fantasia organizada* observa: “É o odor de heterodoxia que torna esse livro ainda mais fascinante e faz de Celso Furtado um grande escritor, assim como um pensador”.<sup>9</sup> O heterodoxo não nega os pressupostos mais gerais da sua ciência, mas recusa subordinar seu pensamento ao dominante.

A direita e os economistas convencionais insistem em dar à heterodoxia uma conotação negativa, identificando-a com populismo econômico, mas, na verdade, inovar em teoria e em análise econômica envolve quase sempre alguma heterodoxia. Ser heterodoxo é desenvolver teorias novas, muitas vezes a partir da identificação de fatos históricos novos que modificam um determinado quadro econômico e social e tornam as teorias pré-existentes inadequadas. Quando Celso Furtado optou por usar prioritariamente o método histórico, e quando se tornou um dos dois fundadores do estruturalismo latino-americano, Furtado estava optando pela heterodoxia e pela independência de pensamento.

Uma forma através da qual Furtado evidenciou sua independência de pensar foi manter-se fiel ao método histórico-dedutivo, não obstante a ortodoxia tenha nestes oitenta anos se tornado cada vez mais hipotético-dedutiva. Sem dúvida, usou com abundância sua capacidade de inferência lógica, mas sempre o fez a partir dos fatos históricos e da sua tendência a se repetirem, não a partir de uma pressuposição de comportamento racional. Enquanto historiador econômico era natural que utilizasse prioritariamente o método histórico-indutivo, mas isto também é verdade quando ele assu-

<sup>8</sup> Furtado (1985: 50).

<sup>9</sup> Lebrun (1985, *Jornal da Tarde*).

me o papel de teórico do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. Assim, não estou sugerindo que Furtado pertença à escola historicista alemã de List, ou ao institucionalismo americano de Veblen. Estas escolas caracterizaram-se pela recusa da teoria econômica, e pela busca da análise dos fatos econômicos caso a caso, enquanto que Furtado usa a teoria econômica disponível e procura fazê-la avançar na compreensão do desenvolvimento econômico.

Ao adotar o método histórico, Furtado aproxima-se da dialética de Hegel e do materialismo histórico de Marx, embora deles se mantenha independente, principalmente por dar à vontade humana um papel maior. “A importância da dialética para a compreensão dos processos históricos deriva do fato de que a história (...) não pode ser reconstituída a partir da multiplicidade de fenômenos que a integra”. No entanto, através dela o homem “intui no processo histórico aquela visão sintética capaz de dar unidade à multiplicidade”. Marx adotou esse princípio dialético de forma audaciosa ao dividir a sociedade em infra e super-estrutura, e em duas classes sociais. Essa estratégia “teve extraordinária importância como ponto de partida para o estudo da dinâmica social (...) Contudo, é necessário reconhecer que, a esse nível de generalidade, quase nenhum valor apresenta um modelo analítico como instrumento de orientação prática. E o objetivo da ciência – conclui ele, deixando transparecer o pragmatismo que sempre o orientou – é produzir guias para a ação prática”.<sup>10</sup> Retirei esses trechos de *Dialética do desenvolvimento* (1964), livro que Furtado escreve em meio à crise do governo Goulart, depois de demitir-se do Ministério Extraordinário do Planejamento, e de novo dirigindo apenas a superintendência da Sudene. Entre seus livros esse é talvez aquele que dele mereceu maior atenção: um resumo completo.<sup>11</sup> Em *A fantasia desfeita*, Furtado afirma com clareza que um dos seus objetivos foi delimitar o emprego do marxismo e da dialética na análise do desenvolvimento. E ao fazê-lo, ele reafirma seu compromisso com o rigor do método científico.

O segundo objetivo (de *Dialética do desenvolvimento*) seria precisar o alcance da dialética, que voltara à voga com a *Crítica* de Sartre, deixando

<sup>10</sup> Furtado (1964: 14-15 e 22).

<sup>11</sup> Furtado (1989: 182-190).



claro que utilizá-la não nos dispensava de aplicar com rigor o método científico na abordagem dos problemas sociais.<sup>12</sup> Adotar o método científico com rigor, contudo, não significa adotar modelos analíticos apoiados na suposição do equilíbrio estável, como é tão comum na economia. Para a análise do desenvolvimento precisamos de modelos dinâmicos, do tipo do “princípio cumulativo” proposto por Myrdal. Mais amplamente, conclui Furtado:

Por mais que tenhamos avançado na construção de modelos, cabe reconhecer que sempre partimos para sua construção de algumas hipóteses intuitivas sobre o comportamento do processo histórico como um todo. E a mais geral dessas hipóteses é a que nos proporciona a dialética, pela qual o histórico é aquilo que necessariamente se encontra em desenvolvimento. A idéia do desenvolvimento surge como uma hipótese ordenadora do processo histórico – como “síntese de várias determinações, unidade da multiplicidade”, na expressão de Marx – a partir da qual é possível realizar um esforço eficaz de identificação de relações entre fatores e de seleção desses fatores com vistas à reconstrução desse processo através de um modelo analítico.<sup>13</sup>

Com esse texto exemplar – que mostra a elegância e capacidade de síntese de Furtado para expressar seu pensamento – ele deixa claro o que entende pelo caráter histórico e dialético do método científico que adota. Eu poderia ter iniciado com essa citação a análise de seu método, mas preferi concluir minha análise com suas palavras.

## PAIXÃO

Na forma pela qual Celso Furtado trabalhou com a ciência econômica não há apenas método rigoroso, há também paixão. Há grandes esperanças, e frustração correspondente. Geralmente a razão e a emoção são vistas em oposição. Esta oposição, entretanto, é uma forma equivocada de compreender o processo do pensamento. Os grandes cientistas foram com muita frequência pessoas apaixonadas pelo seu trabalho, por sua pesquisa. Os economistas que foram realmente grandes dificilmente deixaram de apaixonar-

<sup>12</sup> Furtado (1989: 182).

<sup>13</sup> Furtado (1964: 22). A citação de Marx é da *Contribuição à crítica da ciência política*.

se não apenas por sua ciência, mas também pelos resultados dela. Alguns apaixonaram-se pela conquista da estabilidade econômica, outros, por uma distribuição de renda mais justa, e a maioria, pelo desenvolvimento de seu país.

A paixão de Furtado foi o desenvolvimento do Brasil. Paixão alimentada pela crença de que esse desenvolvimento estava ao alcance do seu país no momento histórico em que se forma como economista, no final dos anos 40. A Segunda Guerra Mundial havia terminado. Novas teorias do desenvolvimento econômico estavam surgindo. Uma grande esperança se desenhava diante dos olhos do jovem paraibano que acabara de obter seu doutorado em economia na França (1948): o Brasil, que já vinha se industrializando de forma acelerada, superaria os desequilíbrios estruturais de sua economia e, com a ajuda da teoria econômica e do planejamento econômico, alcançaria o estágio de país desenvolvido.

Só essa paixão – a paixão pela idéia do desenvolvimento do Brasil – explica a força de seu pensamento, especialmente nos seus primeiros livros – desde seu primeiro *paper* fundamental sobre a economia brasileira, “Características Gerais da Economia Brasileira” (1950) e de seu primeiro livro, *A economia brasileira* (1954), até *Dialética do desenvolvimento*, escrito em um momento em que as esperanças começavam a se esgarçar com a iminência da crise. Todos esses trabalhos possuem uma força teórica e um poder de análise que não derivam apenas da criatividade, da cultura ampla, da independência de pensamento, e do uso preferencial do método histórico-indutivo: estão claramente relacionados com um projeto de vida que se identifica com o projeto do desenvolvimento. Em *Os ares do mundo* (1991) ele deixa claro que seu projeto de vida estava diretamente relacionado com a convicção que formou no final dos anos 40 de que “uma feliz conjuntura internacional – consequência da grande depressão dos anos 30 e do conflito mundial dos anos 40 – abrija uma brecha pela qual quiçá pudéssemos nos esgueirar para obter uma mudança qualitativa em nossa história”.<sup>14</sup>

Esta mudança qualitativa era a industrialização e o desenvolvimento do Brasil. Mas Furtado, lembrando 1964, quando chega exilado ao Chile, já nesse ano convencera-se de que, embora “o intelectual tenha de próprio a capacidade sem limites de inventar-se razões para viver”, seu projeto de

<sup>14</sup> Furtado (1991: 63).

vida, que se baseara na existência daquela brecha, era, afinal, “uma ilusão que (...) agora se desvanecia”.<sup>15</sup> A fantasia estava desfeita.

A esperança fora grande, mas a desilusão e a frustração foram maiores ainda. Frustração e desilusão que vão se expressar no seu livro seguinte, *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (1966) – um livro denso e pessimista, que se revela equivocado em seguida, na medida em que as economias latino-americanas entram em novo ciclo de desenvolvimento. O equívoco, porém, irá afinal revelar-se relativo acerto. O ciclo de desenvolvimento, que então se iniciava, foi artificialmente financiado pela dívida externa – dívida que tornou as economias latino-americanas prisioneiras do capital financeiro internacional, e afinal as levou à grande crise dos anos 80, e à quase-estagnação que até hoje perdura. Digo “relativo acerto” porque a tese central do livro, que tem influência de Marx e de Keynes, continua a me parecer mal colocada. A estagnação ou o desenvolvimento a taxas muito baixas seria devido, de um lado, ao aumento da relação capital-trabalho, em função do caráter intensivo em capital dos investimentos, e à diminuição da relação produto-capital decorrente em grande parte desse mesmo caráter capital-intensivo da tecnologia adotada, e, de outro, de sua destinação para bens de consumo duráveis. A produtividade do capital estaria assim em queda.<sup>16</sup> Essa teoria subestima, a meu ver, a natureza do progresso técnico, que não é apenas poupador de trabalho, mas pode ser também poupador de capital, ou seja, pode e tende cada vez mais a ser um progresso técnico que aumenta a eficiência do capital.<sup>17</sup>

Em *Subdesenvolvimento e estagnação da América Latina* já aparece a idéia de que a concentração de renda estava impedindo o funcionamento do círculo virtuoso do capitalismo, o processo através do qual o aumento da produtividade aumenta os salários e a demanda agregada. Em dois livros, Furtado responde indiretamente a seus críticos. Em *Análise do “modelo” brasileiro* (1972) incorpora ao seu pensamento, com grande elegância e precisão, a teoria da nova dependência que surgira da crítica a seus trabalhos. O que não o impede de, em *O mito do desenvolvimento* (1974), reafirmar com clareza sua tese sobre a insuficiência de consumo a longo prazo. A concentração da renda da

<sup>15</sup> Furtado (1991: 45 e 63).

<sup>16</sup> Furtado (1966: 80).

<sup>17</sup> Bresser-Pereira (1986).

classe média para cima não resolvia o problema da demanda no processo de desenvolvimento. Em suas palavras:

Minha hipótese básica é que o sistema não tem sido capaz de produzir espontaneamente o perfil de demanda capaz de assegurar uma taxa estável de crescimento, e que o crescimento a longo prazo depende de ações exógenas do governo (...). Se bem que esses dois grupos (as grandes empresas e as minorias modernizadas) têm interesses convergentes, o sistema não está estruturalmente capacitado para gerar o tipo de expansão de demanda requerido para assegurar sua expansão.

Ora, essa tese, como mostrou Keynes ao fazer a crítica da lei de Say, é válida a curto prazo, para explicar o ciclo econômico. E só é válida a longo prazo na medida em que a taxa de desenvolvimento alcançada nesse prazo depende da manutenção da demanda em constante tensão com a oferta a curto prazo. O novo modelo de desenvolvimento tecnoburocrático-capitalista que se instaurava então no Brasil, produzindo um subdesenvolvimento industrializado, afinal fracassou, mas não foi por um problema de insuficiência de demanda, mas pelo excesso irresponsável de endividamento externo. A esperança ainda vai se manifestar para Celso Furtado quando, em 1968, antes do Ato Institucional nº 5, que instaurou de vez a ditadura no país, ele é convidado pela Câmara dos Deputados para apresentar sua visão do que poderia ser feito. Ele não resiste, e escreve *Um projeto para o Brasil* (1968), em que faz uma proposta de retomada do desenvolvimento a partir de um substancial aumento da carga tributária e da poupança pública. Entretanto, se há o retorno da esperança – a recusa em aceitar a dependência e o subdesenvolvimento – o pessimismo continua o mesmo. A análise pessimista da situação do Brasil era consistente com a de *Subdesenvolvimento e estagnação da América Latina* – tanto assim que as primeiras críticas a essa perspectiva foram realizadas a partir da análise desses dois livros, mostrando que a retomada do desenvolvimento brasileiro ocorria graças à concentração de renda da classe média para cima, que criava demanda para os bens de consumo de luxo.

A paixão otimista que alimentava a ação transformava-se agora na grande frustração de quem percebe que não apenas deixara de poder influenciar diretamente os destinos do país, mas que o próprio país perdera capacidade de desenvolvimento endógeno. A teoria econômica que agora usava

tornava-se discutível na medida em que envolvia um duplo pessimismo: em relação à capacidade dos sistemas econômicos subdesenvolvidos terem progresso técnico capital-intensivo, mas poupador de capital ou pelo menos neutro (não envolvendo, portanto, redução da produtividade do capital), e em relação à capacidade da oferta criar demanda no longo prazo. Seu pessimismo aparece na citação seguinte, tirada de *Os ares do mundo*, na qual ele relembra seus primeiros meses em Santiago após o exílio:

Não me fugia a idéia de que a história é um processo aberto, sendo ingenuidade imaginar que o futuro está cabalmente contido no passado e no presente. Mas, quando toda mudança relevante é fruto da intervenção de fatores externos, estamos confinados ao quadro da estrita dependência (...). As tendências que se manifestavam no Brasil levavam a pensar que as mudanças significativas já não seriam fruto da ação de fatores endógenos.<sup>18</sup>

Furtado, nos anos 70, volta a participar ativamente de reuniões internacionais através das quais os países em desenvolvimento reclamavam “uma nova divisão internacional do trabalho”. O movimento, durante um certo tempo, foi bem-sucedido, mas, com a crise da dívida externa, e a onda neoliberal que toma conta de Washington e do mundo a partir do início dos anos 80, também aquele projeto não deu os frutos esperados. Começava, para a América Latina, a grande crise dos anos 80. E diante dela, a paixão de Celso Furtado volta com força, na forma de indignação. Seus livros *Não à recessão e ao desemprego* (1983) e *Brasil: a construção interrompida* (1992), são prova dessa indignação.<sup>19</sup>

O retorno do exílio e a participação no governo Sarney, como Ministro da Cultura, não lhe permitem mudar os sentimentos de frustração e indignação.<sup>20</sup> Mas em 1999, recuperada a estabilização, e quando há indica-

<sup>18</sup> Furtado (1991: 63).

<sup>19</sup> No intervalo entre esses dois livros ele escreveu seus três notáveis livros auto-biográficos já mencionados: *A fantasia organizada* (1985), *A fantasia desfeita* (1989), e *Ares do mundo* (1991).

<sup>20</sup> Em 1984 Furtado publica uma coletânea de ensaios com o título *Cultura e desenvolvimento em época de crise*, cujo tema central continua a ser a crise da economia brasileira, mas que deve ter inspirado o presidente José Sarney a convidá-lo para o Ministério da Cultura. Fui então seu colega de ministério, entre abril e dezembro de 1987, quando ocupei o Ministério da Fazenda. Sua preocupação diante do fracasso do governo democrático em enfrentar a crise, pelo contrário, aprofundando-a, era enorme. Tão grande quanto seu sentimento de impotência diante dos fatos – situado que estava em um ministério que lhe permitiu me dar um apoio decisivo quando necessitei, mas que não lhe permitia mudar os rumos da economia brasileira. Afinal, minha passagem pelo governo foi breve, e também eu não consegui estabilizar a economia brasileira.

ções de alguma retomada do desenvolvimento, a esperança lhe volta, embora se mantenha um forte crítico da política econômica do governo Cardoso. Em seu penúltimo livro, *O longo amanhecer* (1999), ele assinala de forma forte sua desilusão: “Em nenhum momento de nossa história foi tão grande a distância entre o que somos e o que esperávamos ser”. Volta a fazer a crítica da globalização, que, através do endividamento externo irresponsável levou o país à grande crise, mas observa que não é a própria globalização e seu descontrole, mas a forma pela qual nossas elites têm reagido a ela a responsável pela nossa incapacidade de retomar o desenvolvimento, ao optar pela “adoção acrítica de uma política econômica que privilegia as empresas transnacionais, cuja racionalidade só pode ser captada no quadro de um sistema de forças que transcende os interesses específicos dos países que o integram”. Exemplo desta alienação é a proposta pela própria CEPAL, em fevereiro de 1999, de dolarização das economias latino-americanas, processo que, segundo a organização internacional, já estaria avançado.<sup>21</sup>

Em uma curta intervenção em seminário realizado em São Paulo em sua homenagem, “Reflexões Sobre a Crise Brasileira” (2000), sua crítica não atinge apenas os governos, mas mais amplamente as elites brasileiras. Ele repudia especialmente as “explicações (para a quase-estagnação) que pretendem ignorar as responsabilidades morais das elites”. Observa, diante de palavras favoráveis à dolarização que então circulavam na imprensa (hoje provavelmente esquecidas diante da crise que a dolarização provocou na Argentina), que “se submergirmos à dolarização, estaremos regredindo ao estatuto semi-colonial”. Mas, como em seu último livro, neste artigo vemos que a esperança afinal está de volta. No livro, no qual há uma seção cujo título é “Que Fazer?”, ele salienta a necessidade de reverter o processo de concentração de renda, de investir em capital humano, e, principalmente, de enfrentar o problema da globalização com o fortalecimento do Estado nacional, que é “o instrumento privilegiado para enfrentar os problemas estruturais”. Na breve intervenção ele volta a afirmar uma de suas teses centrais: a importância da criatividade política.

<sup>21</sup> Furtado (1999: 18, 23, 26).

“Somente a criatividade política impulsionada pela vontade coletiva poderá produzir a superação do impasse”.<sup>22</sup>

## REFERÊNCIAS

- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos (1986). *Lucro, acumulação e crise*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (2001). “Método e Paixão em Celso Furtado”. In: BRESSER-PEREIRA e REGO, José Márcio (orgs.) (2001): 19-34.
- \_\_\_\_\_. e REGO, José Márcio (orgs.) (2001). *A grande esperança em Celso Furtado*. São Paulo: Editora 34.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos (2004). “O Conceito de Desenvolvimento do ISEB Rediscutido”. *Dados – Revista de Ciências Sociais* 47 (1), 2004: 49-84.
- FURTADO, Celso (1950). “Características Gerais da Economia Brasileira”. *Revista de Economia Brasileira* 4 (1) março 1950.
- \_\_\_\_\_. (1954). *A economia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora A Noite.
- \_\_\_\_\_. (1958). *Perspectivas da economia brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB.
- \_\_\_\_\_. (1959b). *A operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB.
- \_\_\_\_\_. (1964). *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
- \_\_\_\_\_. (1966). *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (1968). *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga.
- \_\_\_\_\_. (1972). *Análise do “modelo” brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (1974). *O mito do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1976). “Uma Transição Metódica e Progressiva”. Debate promovido por *O Estado de S. Paulo*, 8 de agosto de 1976.
- \_\_\_\_\_. (1983). *Não à recessão e ao desemprego*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1984). *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

<sup>22</sup> Furtado (1999: 32-44; 2000: 4). Neste trabalho não me preocupei em desfazer preconceitos em relação a Celso Furtado. Esta última citação, entretanto, me leva a advertir que não se deduza dela que Furtado seja um ‘estatizante’ – a pecha comum que a direita costuma atirar sobre quem defende a importância de um Estado reconstruído, com capacidade de promover o desenvolvimento econômico e político do país. Existem ainda uns poucos estatizantes, mas esse não é definitivamente o caso. Em um debate promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, dizia Furtado: “Trata-se, portanto, de escapar da idéia antiga de que cabe ao Estado resolver todos os problemas. Sabemos perfeitamente que quando o Estado controla tudo são poucos os que controlam o Estado” (1976: 39).

- \_\_\_\_\_ (1985). *A fantasia organizada*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1989). *A fantasia desfeita*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1991). *Ares do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1992). *Brasil: a construção interrompida*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1999). *O longo amanhecer*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (2000). “Reflexões sobre a Crise Brasileira”. *Revista de Economia Política*, v.20 (4), outubro 2000: 3-7.
- \_\_\_\_\_ (2002). *Em busca de novo modelo*. São Paulo: Paz e Terra.
- IGLÉSIAS, Francisco (1971). *História e ideologia*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- LAWSON, Tony (1999). “Connections and Distinctions: Post Keynesianism and Critical Realism”. *Journal of Post Keynesian Economics*, 22 (1) outono 1999: 3-14.
- LEBRUN, Gérard (1985). “Os Anos de Aprendizado”. São Paulo: *Jornal da Tarde*, 7 de setembro. 1985.
- MANTEGA, Guido (1984). *A economia política brasileira*. São Paulo e Petrópolis: Livraria e Editora Polis e Editora Vozes.
- MARX, Karl (1859). *Contribución a la Crítica de la Economía Política*. Buenos Aires: Ediciones Estudio, 1970. Edição original alemã, 1859. (Esta edição, a partir da p. 191, contém a “Introducción a la Crítica de la Economía Política”, trabalho não terminado que só foi publicado em 1903 na revista *Die New Zeit*, e mais tarde (1939) integrado nos *Grundrisse*).
- MEYER, Gerald e SEERS, Dudley (orgs.) (1984) *Pioneers in Development*. Washington: The World Bank.
- MEYER, Gerald, (org.) (1987). *Pioneers in Development, Second Series*. New York: Oxford University Press for the World Bank.
- OLIVEIRA, Francisco de (1983). “A Navegação Venturosa”. In: \_\_\_\_\_ (org.) (1983).
- \_\_\_\_\_ org. (1983). *Celso Furtado*. São Paulo: Editora Ática.